



A PLENITUDE DA SALVAÇÃO EM JESUS

(The Fullness of the Salvation in Jesus)

Prof. Dr. César Teixeira*

Doutor em Teologia pelo ANGELICUM/Roma

E-mail: cteixeira@pucsp.br

Antonio Wardison C. Silva**

Mestrando em Filosofia pela PUC-SP

E-mail: wardison@hotmail.com

RESUMO

Jesus é o Verbo de Deus encarnado. Nascido de Maria atuou na história, foi condenado, morto e sepultado, mas ressuscitou glorioso e foi reconhecido pelos Apóstolos como o Cristo. O percurso humano de Jesus esteve sempre no coração da fé cristã. Deus e homem, Jesus é perfeito na sua humanidade, dotado de inteligência e vontade, como todos os humanos. Agindo livremente como homem, deu sua vida por amor. Como homem, é verdadeiramente Salvador, no seu gesto de total acolhimento da vontade do Pai. Jesus, então, é o Verbo, a plenitude da salvação em Deus, acontecida uma vez por todas no mistério da sua ressurreição e comunicada aos discípulos pelo envio do Espírito, fortificador do anúncio soteriológico e da vida cristã.

Palavras-chave: Jesus. Salvação. Deus.

ABSTRACT

Jesus is the incarnate Word of God. Born Mary acted in history, was condemned, dead and buried, but rose in glory and was recognized by the Apostles as the Christ. The human journey of Jesus has always been at the heart of Christian faith. God and man, Jesus is perfect in his humanity, endowed with intelligence and will, as all humans. Acting as a free man, gave his life for love. As a man, is truly the Savior, in his gesture of complete acceptance of the will of the Father Jesus, then, is the Word, the fullness of salvation in God, which happened once and for all the mystery of his resurrection and communicated to the sending of the disciples spirit fortificador ad soteriological and Christian life.

Keywords: Jesus. Salvation. God.

INTRODUÇÃO

O presente estudo é uma busca para entender de modo lógico, coerente e necessário a argumentação proposta no título deste artigo, isto é, Jesus é a plenitude da salvação que vem de Deus. Entender de modo lógico é perceber que existe na dita argumentação três grandezas que se relacionam, isto é, Jesus, salvação e Deus.

A coerência, por sua vez, vem pelo fato de que tanto Jesus como a salvação se originam do próprio Deus. Neste sentido, torna-se necessário compreender a dinâmica da relação entre Jesus e a salvação como fonte originária de Deus. Para tanto, a primeira parte deste trabalho se incumbirá da pré-existência de Jesus como o Logos de Deus. Na segunda parte, será abordada a salvação como desígnio primeiro de Deus. Na terceira



parte, o estudo continua para alcançar o núcleo central da ação salvadora de Deus. Por fim, a quarta parte aborda a ação pneumática sobre a formação da comunidade cristã.

1. JESUS, O VERBO ENCARNADO DE DEUS

Para João, no *prólogo*,¹ o Logos existia desde sempre, ele estava em Deus e era Deus (Jo 1,1). Por meio dele todas as coisas foram feitas e nada poderia existir sem ele (Jo 1,3).² Ora, o mundo fora criado por ele e nele se encontra toda a sabedoria, que é sabedoria de Deus. Aos homens, caberia reconhecer a grandeza de Deus que se revelava no mundo e para o mundo. No entanto, ele, o homem, acabou não reconhecendo o autor de toda criação. Por isso, *Ele estava no mundo e o mundo foi feito por meio dele, mas o mundo não o reconheceu* (Jo 1,10). Diante desse fracasso, da manifestação divina, Deus se revela a um povo, como narrado pelo texto do Antigo Testamento. Os profetas surgem como mediadores dessa revelação. Porém, assim como na primeira revelação, o fracasso imperou. A Deus agora reservaria sua revelação em plenitude: *Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos pais pelos profetas; agora, nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e pelo qual fez os séculos* (Hb 1,1-2). Por isso, *O verbo se fez carne e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como filho único, cheio de graça e de verdade* (Jo 1,14).³

Nesta perspectiva, a revelação de Deus se caracteriza, fundamentalmente, por três elementos: *sua preexistência como Logos de Deus (Jo 1,1-2), a encarnação do Logos (Jo 1,14), a intimidade de vida permanente do Filho com o Pai, antes e depois da encarnação (Jo 1,18)*.⁴ Com isso,

João dá à revelação o máximo de extensão e de significação justamente porque vê no Cristo a Palavra encarnada, o Filho que vive no seio do Pai. O Cristo está ontologicamente qualificado como o único revelador perfeito: sua missão de revelação baseia-se na sua própria vida no seio da Trindade. Aquele que, no seio da Trindade, já é Palavra e Sabedoria de Deus, torna-se, na economia concreta da encarnação, fonte de luz e de verdade para os homens. Dá-nos assim São João a última palavra sobre a função de Cristo como revelador.⁵

Fundamentalmente, como explicita João no prólogo, *o Logos indica originalmente o Verbo eterno, ou seja, o Filho unigênito, gerado pelo Pai antes de todos os séculos e consubstancial a ele*.⁶ A encarnação de Jesus é a revelação sublime de Deus na história. Como Jesus revela o Pai e, por isso, é encarnado, assim todo o seu comportamento, atitudes, ditos e existência revelam o mistério do Pai. Ele é aquele que fala com autoridade, porque fala a partir do Pai: explicita as verdades de Deus e o mistério de amor pela humanidade. Os discípulos, atentamente, escutam a sua *palavra*, os ensinamentos do mestre, e também aprendem com as suas *atitudes*: Jesus vivia em íntima união com Deus, na oração, no diálogo, na compaixão. Suas atitudes são as atitudes daquele que o revelou.

Com Jesus, uma nova moral se inaugura. Ele serve e age com humildade de coração: Como Deus o ungiu com o Espírito Santo e com o poder, ele que passou fazendo o bem



e curando a todos os que estavam dominados pelo diabo, porque Deus estava com Ele (At 10,38); *Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais* (Jo 13,14). A revelação de Deus, portanto, se dá em *palavras e gestos: as palavras explicitando os gestos, as ações, descobrindo seu mistério profundo; os gestos e as ações, por sua vez, encarnam as palavras e lhes dão um valor de vida.*⁷

A revelação de Jesus acontece paulatinamente na história. Dessa forma, ele revela o mistério do Pai e, ao revelar o Pai, também revela quem ele é. Toda a ação de Jesus está em correspondência ao profetismo messiânico proclamado no Antigo Testamento. *Pois o que na ação de Deus Pai em seu Filho e por seu Filho (verbo) se patenteia definitivamente no Novo Testamento, foi ineludivelmente preparado na história salvífica vétero-testamentária.*⁸

Jesus é a testemunha plena do Pai. Ao se encarnar, assume a vontade do Pai e seu projeto de salvação. O Filho assume a natureza divina e humana:⁹ como verbo divino ele fala segundo a linguagem do Pai; como Verbo encarnado, segundo a linguagem humana. Pois *a união da natureza na unidade da Pessoa possibilita a passagem do plano divino, inacessível, ao plano humano e ao mesmo tempo garante a fidelidade da transmissão.*¹⁰ Portanto, Jesus é Deus que, pela linguagem humana, transmite o mistério do Pai, isto é, o mistério divino é revelado por proposições humanas: *a fé apostólica testemunha que a Palavra eterna se fez Um de nós. A Palavra divina exprime-se verdadeiramente em palavras humanas.*¹¹

Não há dúvida que a revelação mediante a encarnação representa um caso privilegiado. Em Jesus Cristo o próprio Deus se manifesta a nós como vivendo em nosso mundo, como uma pessoa que podemos conhecer e com quem podemos comunicar diretamente como com qualquer outra pessoa humana. Por isso as palavras do Cristo trazem a marca da visão direta, interior (Jo 1,18; Lc 10,22; Jo 5,20). Para o Cristo, o conhecimento de Deus é um bem de família, que divide com o Pai e o Espírito, que ele comunica a quem ele quer.¹²

Neste sentido, Jesus conhece o Pai a partir da própria pessoa de Deus e, por isso, sua comunicação é verdadeira: *Eu e o Pai somos um* (Jo 10,27). Portanto, *Jesus é ao mesmo tempo Deus que revela e Deus revelado, caminho e sinal da revelação, resposta à revelação.*¹³ *“Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda criatura (Cl 1,15; 2Cor 4,4); a luz do mundo (Jo 8,12); o Verbo verdadeiro de Deus, o Filho único, que veio ao mundo para dar plenitude à revelação do Pai. Jesus é o Deus que fala e, ao mesmo tempo, o Deus do qual se fala, autor e objeto da salvação: enquanto verbo encarnado, ele é a expressão que revela, enquanto servo de Deus, é em pessoa a Verdade que ele prega e ensina.*¹⁴ Se antes Deus falou pelo psiquismo dos profetas, agora, unido à natureza humana, ele se faz conhecer pelas palavras e gestos do seu Filho predileto, o messias prometido desde sempre. Por isso, *em Jesus Cristo, a palavra eterna e interior de Deus ressoam para fora e se faz ouvir pelo homem mediante a carne. De agora em diante todo o conhecimento do verdadeiro Deus e toda salvação, chega-nos mediante o Cristo.*¹⁵



O Deus encarnado é agora Deus entre os homens, testemunha plena de amor e salvação, manifestação da graça abundante, da vida segundo o Espírito. Jesus *é, pois, a Plenitude da revelação. Nele culmina a revelação como ação, como economia, como mensagem e como encontro.*¹⁶

2. EXPERIÊNCIA SALVADORA DE DEUS EM JESUS CRISTO

Como já enfatizado, a revelação sublime de Deus, na história, aconteceu por meio do Verbo. Ora, Deus ao se revelar atualiza o seu plano de salvação para o homem, este é o desígnio primeiro de Deus. Toda revelação permeia a realidade deste desígnio. Portanto, Deus se revela para salvar. Isto quer dizer: *temos de partir da salvação acontecendo na história de Jesus Cristo para podermos conceber o que seja salvação cristã e o que significa confessar que Jesus Cristo é o nosso salvador.*¹⁷

A salvação na vida de Jesus acontece por uma entrega incondicional ao Pai e aos homens (Jo 10,18). Todo o percurso da sua vida (encarnação, ensinamentos, curas, morte, ressurreição) atesta esta verdade. Tudo o que Jesus fez e anunciou, colaborou para o seu plano de salvação, que é a salvação em Deus, pelo Espírito. Logo, toda revelação de Jesus é obra de salvação. Jesus é salvador na sua integralidade, ou seja, em todo o seu ser e itinerário histórico. Não há revelação do Filho que possa contradizer este dom. Jesus, ao revelar o Pai, se revela. Esta revelação o faz, aos poucos, tomar consciência da sua missão salvadora:

Para a autoconsciência e o autotestemunho de Jesus no cumprimento de sua missão revelatória e salvífica cumpre anunciar como o *characteristicum* por excelência que ele se entende e se identifica como *enviado* (Rm 5,8; 8,32; Jo 3,16 e alhures). Pode-se até reconhecer que Jesus atenta cuidadosamente em que se entenda direito justamente esta sua qualidade. Pois só assim é que se cumprirá a sua missão, ou, o que é o mesmo, e melhor, a finalidade propriamente dita: só assim será manifestado Deus *Pai* (Jo 17,4-8.21-26).¹⁸

Esta salvação está destinada ao homem, *por nós*, atestado nos escritos neotestamentários (1Cor 15,3; 2Cor 5,14; Rm 8,32; Gl 1,4; 2,20). Tal expressão é fundamental para a soteriologia, porque revela o sentido existencial de Jesus, para os outros (os pobres, marginalizados, enfermos etc.), até o último momento da sua vida: *Isto é o meu corpo, que é para vós* (1Cor 11,24); *Isto é o meu sangue, o sangue da Aliança, que é derramado em favor de muitos* (Mc 14,24). Nota-se, dessa forma, a entrega total de Jesus ao homem e seu desejo de salvação que se plenifica na morte de cruz, como também a adequação entre a construção do Reino com o sentido de sua oblação. A expressão sublinhada *por nós* significa, além de *por causa do homem* ou *em favor dele, no lugar de*. Caso se apontasse somente as razões históricas da morte de Jesus, considerar-se-ia que ele morreu *por causa* dos pecados do homem, o que poderia fragilizar a maior força desta verdade. Ao contrário, o salvador morreu *para* o perdão dos pecados, para a expiação. Jesus cumpriu seu desígnio de salvador porque se entregou completamente à humanidade, uma vez já assumida, em primeiro, sua entrega total a Deus: *Jesus descobre na Escritura um desígnio histórico de rejeição, de*



*sofrimento e morte; um destino que ele lê como um desígnio de Deus [...] não pelo caminho dos sucessos históricos. Mas passando por uma morte violenta, é que Jesus 'entrará na glória'.*¹⁹ Por isso, toda sua vida é um exercício de entrega, que terá seu ápice na morte de cruz.²⁰ E esta morte ainda ganha maior sentido ao considerar, como acreditado pelo cristianismo, que Jesus não herdava a mancha do pecado. Com isso, se presume que sua morte foi, verdadeiramente, uma entrega total para os outros.²¹

A morte de Jesus, portanto, redime o homem de todo seu pecado *uma vez por todas: Porque, morrendo, ele morreu para o pecado uma vez por todas; vivendo, ele vive para Deus* (Rm 6,10). E esta morte aconteceu *por todos: Ora, ele morreu por todos a fim de que aqueles que vivam não vivam mais para si, mas para aquele que morreu e ressuscitou por eles* (1Cor 5,15). Com isso, todo sacrifício realizado no Antigo Testamento perde sentido, pois Jesus redime todo o pecado do mundo (Rm 6,10; 1Pd 3,18; Hb 7,27; 9,12; 10,10).²²

O sentido teológico da morte de Jesus Cristo como expiação em nosso lugar diz mais do que as afirmações nas quais o “por nós” significa “por nossa causa”. Ele começa a emergir nas formulações em que se menciona *por nossos pecados* (1Cor 15,3; Rm 4,25), como também quando se alude à *entrega* do Filho à morte (Rm 8,32; Gl 2,20), ou quando aparece a idéia do *regate* (1Tm 2,6; Mc 10,45). Mais explicitamente ainda quando se afirma que o Filho de Deus tomou *nosso lugar*, assumindo nossa condição de pecadores, fazendo-se pecado, como expressa com toda força Paulo: “Aquele que não cometeu pecado, Deus o fez pecado por nós, para que por ele nos tornemos justiça de Deus” (2Cor 5,21). Esse evento salvífico é remetido a Deus Pai, que “por Cristo nos reconciliou consigo” (2Cor 5,18s), que “o entregou por nós todos” (Rm 8,32; ver Jo 3,16), que “o enviou na condição de nossa carne de pecado” (Rm 8,3).²³

A economia de salvação em Deus não acontece somente porque Jesus manifestou a misericórdia do Pai e, com isso, seu plano de aliança, mas também porque Jesus participou, ativamente, deste ato de salvação. Ele, em Deus, no Espírito, comunicou e cooperou, com lucidez e veemência, na salvação da humanidade. Foi ele quem, de fato, se entregou (Gl 2,20). Esta ação salvadora se expressou pela *obediência* de Jesus ao Pai (Rm 5,12; Fl 2,8), acontecida na experiência de sofrimento e confiança.

A preexistência de Jesus diz da sua historicidade oculta no mundo e, por isso, o seu revelar no mundo corresponde ao do Filho não revelado. Ao assumir a história, o Filho atua a promessa de Deus, de garantir a salvação da humanidade. Este é Jesus, o salvador anunciado pelos profetas e testemunhado pelos apóstolos. A salvação acontecida em Jesus, por meio de sua morte, como entrega no lugar do homem, implica *que temos a chance histórica de morrer sua morte que desemboca na ressurreição dos mortos e nos dá acesso a uma nova vida.*²⁴ E esta nova vida é integral, pois *se o ser humano é integralmente criatura de Deus, e Deus o ama em sua totalidade, a salvação tem de incluir a pessoa toda, corpo e alma,*²⁵ assim como prescrito no Credo apostólico.

Para Paulo, o conhecimento de Filho conduz à experiência de conformação da morte e ressurreição de Jesus (Fl 3,10). Experiência tal que já se realiza no Batismo (Rm 6,3; Cl 2,12). A realização histórica da promessa do Pai, em Jesus, implica não somente no fato



do Filho assumir a condição humana e o Reino, mas de entregar sua própria vida pelo homem. Esta entrega é fruto da ação do Pai, na vida do Espírito, assumida por Jesus. Fundamentalmente, para Paulo, *a salvação é auto-comunicação de Deus Pai, através de Cristo no Espírito Santo.*²⁶

3. O MISTÉRIO PASCAL, CENTRO DA AÇÃO SALVADORA DE DEUS

Para Lucas, toda a vida de Jesus estava direcionada para Jerusalém. A única viagem de Jesus, da Galiléia à cidade santa (Lc 9,51ss), cumpriu a sua função: atuação da missão do salvador, que logo mais irá padecer para alcançar a glória, que consiste na união com o Pai.²⁷ Jesus, então, sobe a colina santa, com uma peregrinação solene (Lc 10,38; 13,22; 17,11; 18,31; 19,11.28). Jesus, ao se dirigir para Jerusalém, recorda o caminho do povo de Israel. É nesta cidade que o Antigo Testamento atesta as teofanias salvadoras de Javé. Ao chegar à cidade, Jesus entra no Templo como a boa notícia. Com a ruína do templo, ele se revela como o templo santo (Lc 5ss). Segue, então, o *anúncio* da morte e ressurreição de Jesus. Para João, a morte-ressurreição de Jesus revela a sua *hora* (Jo 12,23; 13,1; 16,32; 17,1). Esta *hora* está antecipada pelo *signal* de Caná (Jo 2,4): Jesus entrará, definitivamente, para a sua glória. O discurso da Santa Ceia invoca essa realidade (Jo 13,31; 14,13; 17,1). A subida ao Pai inicia-se com a elevação da cruz e finaliza-se com a ascensão. E quando Jesus tiver na glória, conquistará todos para si (Jo 12,32).²⁸

A morte de Jesus rompe com o véu do Templo (Mt 27,51) e abre uma nova vida para a humanidade (Hb 10,19ss). Ao sentar-se à direita do Pai, Ele constitui-se como o *príncipe da vida*.

O fato pascal, que culmina com a ascensão e a investidura sacerdotal de Jesus no céu, é a “consumação” sacrificial de Jesus, feito assim “causa de salvação eterna” (Hb 2,10ss; 5,9ss), capaz de consumir os que consagram a Deus como povo santo (Hb 10,12-14).²⁹

Para João, Jesus morre como *cordeiro pascal* (Jo 18,28.39; 19,14.41-42). Ele é aquele que se santifica para que o homem seja santificado na verdade (Jo 17,19).³⁰ Por isso, *a páscoa de Cristo, é, pois, a realização plena da salvação. Cristo já foi totalmente salvo em plenitude. Porém sua salvação não o toca somente a si. Ele nos leva a todos consigo.*³¹

Antes, Jesus era anunciado como o *messias*, agora, a partir da sua glorificação, reconhece-se o verdadeiro significado do seu nome, que se transforma numa confissão de fé: *Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo que nasceu de Deus, e todo o que ama ao que gerou ama também o que dele nasceu* (1Tg 5,1). O termo *Jesus Cristo* o designa como salvador.

O que mais salta de sentido teológico, dos títulos atribuídos a Jesus, é o de *Filho de Deus* (Rm 1,2-4). Pois, para Paulo, foi a partir da ressurreição que Jesus ganhou esta nova nomeação, porque ela expressa todo o conteúdo da soteriologia messiânica. Este título será, então, inserido na Igreja primitiva, na liturgia do batismo, como é



apresentado no discurso do diácono Felipe (At 8,26-40). Por isso, o batismo identifica o homem como ressuscitado e o faz “filho de Deus” (Gl 4,4-7; 6,3ss; 1Jo 3,1ss). Com a idéia da ressurreição, o batismo comportará um sublime valor teológico, pois ele é a antecipação dessa realidade em Deus.

Para o querigma, a Ressurreição é a obra mais própria de Deus, a mais decisiva na série das “maravilhas” da história salvífica (At 2,11). O ápice da reflexão pascal sobre o mistério de Cristo está assinalado no título de **senhor (Kyrios)** que a tradição primitiva exprimiu com uma energia insuperável. Pela ressurreição, Jesus é “feito” Messias e Senhor (At 2,36).³²

Nesta perspectiva, no cristianismo primitivo, adota-se a expressão *Jesus é o Senhor* (Rm 10,9; 1Cor 12,3; Fl 2,9). Trata-se de uma das primeiras confissões de fé. Este título assemelha-se com o nome de Javé, empregado no Antigo Testamento. Com isso, o querigma afirma a divindade de Jesus, como aquele que veio de Deus. Lucas (2,11), ao narrar a encarnação de Jesus, já havia utilizado esta nomeação: *Nasceu-vos hoje um Salvador, que é o Cristo-Senhor, na cidade de Davi.*³³ Jesus é também o *juiz escatológico* (At 10,42; 17,31; 2Tm 4,1; 1Pd 4,5; Jo 5,22.27; Mt 25,31ss), porque ele é Deus. Ora, no Antigo Testamento, Javé, o Deus de Israel, é salvador. No Novo Testamento, Jesus é salvador. Logo, Jesus é salvador porque é Deus.

A ressurreição desponta, então, como a atualização desse dom salvador, dado por Deus, no Espírito. Esta realidade cristológica foi, para os primeiros cristãos, uma profissão de fé. Jesus ressuscitado é Cristo salvador, como prescreve Paulo (Rm 4,25): *Para nós que cremos naquele que ressuscitou dos mortos Jesus, nosso Senhor, o qual foi entregue pelas nossas faltas e ressuscitado para a nossa justificação. Portanto, Jesus é o Senhor (o Kyrios) ressuscitado, o Filho de Deus Salvador. Este anúncio é o clima da soteriologia do Novo Testamento.*³⁴ Isto quer dizer: *Jesus ressuscitado sob o poder do Espírito é revelado em comunhão de vida com Deus.*³⁵

A ressurreição de Jesus, que implica sua historicidade (vida, sofrimento e morte), é caracterizada, por um lado, pelo cumprimento da existência e missão de Jesus, por outro, por total entrega à vontade do Pai e, fundamentalmente, pelo ato de liberdade e generosidade de Jesus. Por isso, a ressurreição de Jesus tem sua potência em Deus, como atesta Lucas: *Mas Deus o ressuscitou* (At 2,24). O Pai tem uma intervenção direta no evento da ressurreição. Esta *específica intervenção do Pai na ressurreição do Filho re-cria a história: ressuscitando Jesus, o ‘Pai da Glória’ manifesta ‘a extraordinária grandeza do seu poder’, ‘a eficácia da sua força’* (Ef 1,19).³⁶ Na ressurreição, Deus realiza a recriação da História, em Jesus. A verdade e testemunho de Jesus é confirmada pelo Pai. Esta singularidade implicou na compreensão do ser de Jesus pela comunidade cristã: Jesus, verdadeiramente, era o Deus encarnado, que assumiu a natureza humana e, por isso, a história.

Não obstante, a ressurreição também é fruto da iniciativa do Filho: *Ressuscitou, não está aqui* (Mc 16,6; também Mt 27,64; 28,67; Lc 24,6.34; 1Ts 4,14; 1Cor 15,3-5; Rm 8,34; Jo 21,14). Nesta perspectiva, a Tradição sempre entendeu que a ressurreição de Jesus revelou a sua mais sublime identidade: aquele que veio para salvar, num ato de total liberdade, cumpriu, em gestos e palavras, a sua missão. Por isso, *a ressurreição*



seria contemplada como última e definitiva confirmação da legitimidade divina do testemunho de vida e da pregação de Jesus.³⁷ A vitória de Jesus é o triunfo do seu agir: essa vitória que Jesus consegue por sua morte, sobre a morte universal, ele a obtém também, por si mesmo, sobre a própria morte.³⁸

Mas Jesus, como em toda sua vida, esteve repleto do Espírito de Deus. Sua ressurreição é a manifestação suprema da força do Espírito (1Pd 3,18). É nesta condição que Jesus é exaltado para vencer a humilhação, a morte. Neste sentido, o *Espírito Santo realiza aquela perfeita unidade entre Ressuscitador e Ressuscitado aparecendo na sua identidade mais profunda como o Espírito da Ressurreição e da Vida.*³⁹ Esta unidade representa o elo de amor entre o Pai, o Filho e o Espírito, no Deus que é Trino e Uno.

4. O ENVIO DO ESPÍRITO E A FORMAÇÃO DA COMUNIDADE CRISTÃ

Nos *Atos dos Apóstolos* (1,4ss), Lucas retoma o Batismo de Jesus, no Espírito (Lc 3,16), e a promessa da dádiva (do Espírito Santo) para a pregação (Lc 24,47-49). Esta promessa irá se cumprir em Pentecostes, quando todos, reunidos, recebem o Espírito de Deus e começam a falar em línguas diferentes (At 2,1-13).⁴⁰ Este episódio foi interpretado (pela investigação histórico-crítica) como uma força dominadora que agiu sobre os discípulos de Jesus, os quais a concebeu ser o Espírito Santo, impulsionador do anúncio do evangelho a todos os povos. Lucas, fundamentalmente, faz a memória da promessa do Espírito e sua força profética e, com isso, sua realização, já anunciada pelo Antigo Testamento (Jl 3,1-5). Ora, Lucas, expressamente, recorda as palavras do profeta Joel: *vossos filhos e vossas filhas profetizarão* (At 2,17). Com isso, sublinha seu acontecimento na história (o evento Pentecostes).⁴¹

A ação do *Pneuma*, neste fenômeno extraordinário, evidencia-se como o Espírito Santo de Deus. Em *Atos* (2,33), a ação do Espírito está em estreita relação com o Pai e o Filho: *Portanto, exaltado pela direita de Deus, ele recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e o derramou, e é isto que vedes e ouvis.* Dessa forma, Lucas destaca a necessidade do Espírito vir de Deus e de sua força santificadora, pois o Espírito confere fé e graça àquelas pessoas reunidas: *na oração, na fé e no batismo o Espírito Santo concede, sobretudo a força para a confissão destemida e conduz a Igreja em sua caminhada missionária.*⁴²

O próprio Jesus já havia prometido o Espírito aos seus discípulos: *Quando vos entregarem, não fiquéis preocupados em saber como ou o que haveis de falar. Naquele momento vos será indicado o que deveis falar, porque não sereis vós que falareis, mas o Espírito de vosso Pai é que falará em vós* (Mt 10,19-20). Em outros ditos, Jesus também fala da presença do Espírito junto aos discípulos (Jo 14,16; 14,26). Ora, o Espírito está no princípio da missão de Jesus.⁴³ Também os discípulos irão se alimentar da força do Espírito para saírem em missão. A Igreja, comunidade de fé, ao nascer, faz a experiência do Espírito de Deus, que é a experiência do discípulo. Todos, batizados em um só Espírito, bebem de um mesmo Espírito (1Cor 12,13). E o Espírito sustenta e transforma o homem.⁴⁴



Assim como o *Pneuma* coloca o futuro escatológico na atualidade cristã, assim também torna a realidade passada de Jesus presente à comunidade em sua pregação, no seu culto divino, em toda a sua vida. O que aconteceu uma vez na cruz – a morte de Jesus pelos nossos pecados (1Cor 15,3) – o Espírito o atualiza em cada batizado: “Sois declarados justos [...] pelo Espírito do nosso Deus (1Cor 6,11). O *Pneuma* é como que a esfera, o elemento, no qual se realiza a união entre Jesus e o batizado, bem como a dos batizados entre si: “Pois também nós fomos batizados todos num Espírito, para um só corpo [...] e fomos abeberados num Espírito” (1Cor 12,13). Além disso, só ao Espírito é que são atribuídos os dons pneumáticos propriamente ditos, os carismas (1Cor 12,4.7-11), e, de mais a mais, a experiência desses fenômenos extraordinários terá motivado a convicção da posse do Espírito por parte dos cristãos.⁴⁵

A atuação do Espírito forma a comunidade cristã, pois o Espírito é o dom essencial de Cristo Ressuscitado. *Pois bem, Pentecostes assinala o momento em que o Espírito do Cristo glorioso é transmitido à comunidade escatológica, realizando definitivamente a profecia de Joel (At 2.16ss.33).*⁴⁶ Agora o Espírito é conferido aos crentes para que testemunhem Cristo, como relata Lucas: *Mas receberéis uma força, a do Espírito Santo que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e a Samaria, e até os confins da terra (At 1,6).* Ele também será dom de purificação do homem: *Recebei o Espírito Santo. Aquele a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados (Jo 20,23).* O Espírito irá guiar a comunidade dos fiéis, quer dizer, revelará, ao longo da experiência de fé, os mistérios de Deus, uma vez revelados em Jesus, mas não esgotados. Dessa forma, a comunidade cristã prosseguirá, à luz do Espírito, aprofundando o mistério da salvação.⁴⁷

Fundamentalmente, o Espírito de Deus aprofunda a vivência de oração do homem e o faz assegurar a fé em Jesus Cristo, como relata Lucas (10,21): *Naquele momento, ele exultou de alegria sob a ação do Espírito Santo e disse: ‘eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste essas coisas aos sábios e entendidos, e as revelastes aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado.* Para Paulo, esta invocação (*Abba*) somente pode ser proclamada pela força do Espírito (Rm 8,15; Gl 4,6). *O próprio Espírito pelo qual Jesus rezou suscita em nós a oração. É ele também quem nos faz reconhecer Jesus como Senhor (1Cor 12,3).*⁴⁸ Esta invocação diz de uma relação trinitária, fato que faz lembrar o louvor a Deus Pai, pelo Filho, no Espírito, deste a Igreja primitiva: o Pai é a fonte; o Filho, o mediador; o Espírito, o templo deste culto espiritual.

O Espírito, que é a fonte de toda interioridade humana, revela a liberdade, como prescreve Paulo: *Pois o Senhor é o Espírito e, onde se acha o Espírito do Senhor, aí está a liberdade (2Cor 3,17).* Isto quer dizer: *o Espírito não liberta do conteúdo da lei, a saber, do bem, mas liberta da coação das obrigações porque, pela graça e pelo amor, interioriza os seus mandamentos. Desde então, os mandamentos promanam de mim. Ajo livremente.*⁴⁹ A liberdade que o Espírito confere transpassa a faculdade da vida interior pessoal, pois ela está em referência ao próximo e, por isso, encarnada num contexto social. A liberdade também está em conexão com o corpo do homem, porque o corpo é a *casa* do Espírito e, por isso, necessita de cuidado.



Acima de tudo, o Espírito de Deus é princípio de comunhão. “*Esta propriedade do Espírito liga-se à sua natureza profunda, ao que é mistério de Deus, ao fato de que, único e o mesmo, está em todos pra animá-los, e primeiro em Jesus e em nós.*”⁵⁰ Ele, o Espírito, suscita uma diversidade de dons que, por sua vez, está em função do bem comum (1Cor 12,7) e, por isso, da unidade. É tarefa do Espírito exprimir os valores eternos do Reino e personificá-los na vida do homem. Ele está sempre unido ao verbo: este é a forma; aquele, o seu dinamismo. Como o verbo é o salvador; o Espírito, santificador e dinamizador. O Espírito tem a missão de atualizar este dom de salvação para a humanidade.

CONCLUSÃO

Jesus é a revelação de Deus na história. Ele vivia em íntima união com o Pai, na oração, no diálogo e na compaixão. A revelação de Jesus acontece progressivamente, desde os patriarcas, passando pelos profetas até o Novo Testamento. Nesta perspectiva, verifica-se que Jesus foi preparado por Deus, desde o Antigo Testamento, para nos proporcionar a plenitude da salvação.

Em Jesus Cristo, o próprio Deus vive em nosso mundo como pessoa conhecida e que se comunica diretamente com qualquer outra pessoa humana. Jesus é o Deus que fala e o Deus do qual se fala, isto é, ele é autor e objeto da salvação. Jesus redime todo o pecado do mundo, pois morrendo como cordeiro pascal, ele se santifica para que o homem seja santificado na verdade. Ao manifestar a misericórdia do Pai, Jesus é exaltado para vencer a humilhação e a morte. Neste sentido, diante do aparente fracasso da manifestação divina, o homem não reconheceu a grandeza de Deus. Mesmo estando no mundo, o mundo não o reconheceu como autor de toda criação.

O fracasso da primeira revelação divina foi a pedagogia de Deus para se compreender que o império desse fracasso tem seu fim na plenitude de sua revelação que podemos compreender ao longo da história, na qual Deus falou por meio de nossos pais, dos profetas e, finalmente, por meio de seu filho Jesus Cristo. E como diz São João evangelista, a palavra encarnada habita entre nós.

Assim como Deus falou antes pelos profetas agora ele se faz conhecer pelo seu Filho predileto, o messias prometido desde todo sempre. Portanto, ele veio ao mundo para dar plenitude à revelação do Pai. É plenitude da revelação, pois nele se alcança toda ação e toda economia como mensagem e como encontro. Cristo, ao ser totalmente salvo, nos conduz a participar consigo dessa mesma plenitude da salvação.

BIBLIOGRAFIA

BENTO XVI. *Verbum Domini*. Exortação Apostólica pós-sinodal sobre a Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja (30.09.2010). São Paulo: Paulinas, 2011.

BREUNING, Wilhelm. *Jesus Cristo, o Salvador*. São Paulo: Loyola, 1972.



CALLE, Francisco de la. *A Teologia do Quarto Evangelho*. (Trad.) José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulinas, 1985.

CONGAR, Yves. *Espírito do Homem Espírito de Deus*. São Paulo: Loyola, 1986.

CROATTO, José Severino. *História da salvação: a experiência religiosa do povo de Deus*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1968.

DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. Trad. José Marino e Johan Konings. São Paulo: Paulinas, Loyola, 2007.

FEINER, Johannes; LOEHRER, Magnus. *Fundamentos de dogmática historico-salvífica: Teologia Fundamental*. V III/1. Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. *Fundamentos de dogmática historico-salvífica. A história salvífica antes de Cristo*. V II/1. Petrópolis: Vozes, 1978. (*Mysterium Salutis*).

_____. *Fundamentos de dogmática historico-salvífica. O evento Cristo*. V III/7. Petrópolis: Vozes, 1974. (*Mysterium Salutis*)

GONZÁLEZ, Justo L. e PÉREZ, Zaida M. *Introdução à Teologia Cristã*. Trad. Silvana Perrella Brito. Santo André: Academia Cristã Ltda, 2006.

LATOURELLE, René. *Teologia da Revelação*. (Trad.) Flávio Cavalca de Castro. São Paulo: Paulinas, 1972.

LAURENTIN, René. *Breve Tratado de Teologia Mariana*. (Trad.) Rose Marie Muraro. Petrópolis: Vozes, 1965.

MIRANDA, Mário de França. *A salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça*. São Paulo: Loyola, 2004.

MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*. Trad. Nadyr de Salles Penteado. São Paulo: Loyola, 2008.

MORAN, Luis Rubio. *El Misterio de Cristo en la historia de la salvacion*. Salamanca: Sígueme, 1991.

PAULO VI. *Lumen Gentium*. Constituição Dogmática sobre a Igreja (21.11.1964). In *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

PHILIPPE, M. D. *O mistério de Cristo crucificado e glorificado*. (Trad.) Costa Aguiar. São Paulo: Paulinas, 1970.

SCHILLEBEECKX, E. *Maria, Mãe da Redenção*. (Trad.) Clarêncio Neotti. Petrópolis: Vozes, 1968.

SCHNEIDER, Theodor (Org.). *Manual de dogmática*. Vol. I. (Trad.) Ilson Kayser (*et alli*). Petrópolis: Vozes, 2000.

SESBOUE, Bernard e WOLINSKI, Joseph. *História dos dogmas - O Deus da salvação (séculos I - VIII)*. (Trad.) Marcos Bagno. São Paulo: Loyola, 2002.

TAVARES, Sinivaldo S. *Trindade e Criação*. Petrópolis: Vozes, 2007.

TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. (Trad.) Getúlio Bertelli. São Paulo: Paulinas; Sinodal, 1987.



NOTAS

* Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Santo Tomás de Aquino de Roma, onde defendeu a tese sobre a importância da mesa de refeição no anúncio da traição em Mc 14,17-21. Atualmente, é professor e diretor adjunto da Faculdade de Teologia da PUC-SP, onde leciona Sagrada Escritura.

** Antonio Wardison Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Especialista em Psicopedagogia, Filosofia existencial e Catequese. Licenciado em Filosofia e bacharel em Teologia.

¹ O prólogo de João é um dos assuntos mais discutidos na Sagrada Escritura. Alguns estudiosos apontam que tal abordagem já era discutida antes mesmo do Evangelho: “naquilo que era primitivamente um hino aparentemente de procedência gnóstica e que celebrava a figura de um revelador, introduziu-se a figura do Batista e se cristianizou este Logos com Jesus de Nazaré”. CALLE, Francisco de la. *A Teologia do Quarto Evangelho*. Trad. José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 39.

² “Este anúncio é, para nós, uma palavra libertadora. De fato, as afirmações da Sagrada Escritura indicam que tudo o que existe não é fruto de um acaso irracional, mas é querido por Deus, está dentro do seu desígnio, em cujo centro se encontra a oferta de participar na vida divina em Cristo”. BENTO XVI. *Verbum Domini*. Exortação Apostólica pós-sinodal sobre a Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja (30.09.2010). São Paulo: Paulinas, 2011, n. 8.

³ Aqui não se trata de um discurso teórico, de sistematização do conhecimento, mas de uma proclamação a partir de uma experiência vivida.

Cf. LATOURELLE, René. *Teologia da Revelação*. Trad. Flávio Cavalca de Castro. São Paulo: Paulinas, 1972, p. 77.

⁵ *Ibid.*, p. 77.

⁶ BENTO XVI. *Verbum Domini*, n. 7.

⁷ LATOURELLE, René. *Teologia da Revelação*, p. 478.

⁸ FEINER, Johannes; LOEHRER, Magnus. *Fundamentos de dogmática histórico-salvífica: Teologia Fundamental*. V III/1. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 56.

⁹ Como declarado no Concílio de Calcedônia e prescrito na carta “Promisise me memini” (também chamada *Tomus II Leonis*), carta destinada ao imperador Leão I, 17 de agosto de 458, “de fato, na forma de Deus, o Filho era igual ao Pai, e entre o Genitor e o Unigênito não havia nenhuma distinção na essência, nenhuma diversidade na majestade, nem foi, mediante o mistério da encarnação, retirado ao verbo nada que lhe devesse restituído por um favor do Pai. A forma do servo, porém, pela qual a impassível divindade cumpriu o sacramento de sua grande piedade, é a humilde condição humana, que foi elevado à glória do poder divino, tendo sido a divindade e a humanidade unidas desde a conceição pela Virgem, em unidade tão grande que o que é divino não seria feito sem o homem, nem o que é humano, sem Deus.” DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. Trad. José Marino e Johan Konings. São Paulo: Paulinas, Loyola, 2007, n. 318.

¹⁰ LATOURELLE, op. cit., p. 479. “De fato, na sua humanidade perfeita, Ele realiza a vontade do Pai a todo o momento; Jesus ouve a sua voz e obedece-Lhe com todo o seu ser; conhece o Pai e observa a sua palavra (Jo 8,55); comunica-nos as coisas do Pai (Jo 12,50); ‘Dei-lhes as palavras que Tu Me deste’ (Jo 17,8). Assim Jesus mostra que é o *Logos* divino que Se dá a nós, mas é também o novo Adão, o homem verdadeiro, aquele que cumpre em cada momento não a própria vontade mas a do Pai”. BENTO XVI. *Verbum Domini*, n. 12. Tertuliano foi o primeiro teólogo a enriquecer o vocabulário teológico, fundamentalmente, o da cristologia. Ele fundou as palavras *pessoas* e *substância*, que se tornarão fundamental para o entendimento do ser trino de Deus. SESBOUE, Bernard e WOLINSKI, Joseph. *História dos dogmas - O Deus da salvação (séculos I - VIII)*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Loyola, 2002, p. 178.

¹¹ BENTO XVI. *Verbum Domini*, n. 11.

¹² LATOURELLE, René. *Teologia da Revelação*, p. 481.

¹³ *Ibid.*, p. 483.



¹⁴ Ibid., p. 484.

¹⁵ LATOURELLE, René. *Teologia da Revelação*, p. 485.

¹⁶ Ibid., p. 485.

¹⁷ MIRANDA, Mário de França. *A salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça*, p. 75.

¹⁸ FEINER, Johannes; LOEHRER, Magnus. *Fundamentos de dogmática histórico-salvífica: Teologia Fundamental* (V III/1), p. 56.

¹⁹ MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*. (Trad.) Nadyr de Salles Penteadó. São Paulo: Loyola, 2008, p. 349.

²⁰ “A aceitação da cruz, tanto durante sua vida como no fim da mesma, é o teste decisivo da sua unidade com Deus, e de sua completa transparência ao fundamento do ser. Só em vista da crucificação o Quarto Evangelho pode fazê-lo dizer: ‘Aquele que crê em mim não crê em mim’ (Jo 12,44). Só através de sua aceitação contínua da cruz ele se torna o ‘Espírito’ que se auto entregou como carne, isto é, como um indivíduo histórico (2Cor)”. TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. Trad. Getúlio Bertelli. São Paulo: Paulinas; Sinodal, 1987, p. 118. Ainda mais, “o mistério da cruz, manifestação do amor, que se realiza na natureza humana de Cristo, implica um dom real de Jesus aos homens”. PHILIPPE, M. D. *O mistério de Cristo crucificado e glorificado*. Trad. Costa Aguiar. São Paulo: Paulinas, 1970, p. 72.

²¹ Cf. MIRANDA, Mário de França. *A salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça*, p. 76-77.

²² Para o Antigo Testamento, a idéia de “expição” significa aquisição de liberdade para uma vida condenada à morte. O animal sacrificado, então, substitui a vida do pecador que oferece sacrifício.

²³ MIRANDA, op. cit., p. 78.

²⁴ MIRANDA, Mário de França. *A salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça*, p. 79.

²⁵ Cf. GONZÁLEZ, Justo L. e PÉREZ, Zaida M. *Introdução à Teologia Cristã*. Trad. Silvana Perrella Brito. Santo André: Academia Cristã Ltda, 2006, p. 146.

²⁶ FEINER, Johannes e LÖHRER Magnus. *Fundamentos de Dogmática histórico-salvífica* (III/7), p. 23.

²⁷ Cf. BREUNING, Wilhelm. *Jesus Cristo, o Salvador*. São Paulo: Loyola, 1972, p. 16.

²⁸ Cf. CROATTO, J. S. *História da Salvação*, p. 283-284.

²⁹ Ibid., p. 285.

³⁰ “Ao falar da páscoa de Jesus aplicamos a palavra a todo o mistério de sua paixão, morte, ressurreição e ascensão. O Novo Testamento a entende como um único mistério no que se realiza plenamente a salvação em seus distintos aspectos (cf. Fl 2,6-11; Lc 24,44-52)”. MORAN, Luis Rubio. *El Misterio de Cristo en la historia de la salvacion*. Salamanca: Sígueme, 1991, p. 351.

³¹ MORAN, op. cit., p. 366.

³² CROATTO, J. S. *História da Salvação*, p. 287. “A fé na ressurreição de Jesus contém a certeza de que, embora Deus não nos livre de sofrimentos terrenos e da morte, ele nos promete que, neles, está junto a nós e, para além deles, nos leva para dentro de uma nova vida. Por esta razão nossa própria morte pode tornar-se entrega ao Pai paternal-maternal, regresso confiado a ele”. SCHNEIDER, Theodor (Org.). *Manual de dogmática* (Vol. I), p. 384.

³³ Vale aqui mencionar o imensurável papel de Maria para a história da salvação. Ela, ao tornar-se mãe de Jesus, através do seu próprio consentimento, contribui não somente para o evento salvador de Jesus, mas com toda a história de salvação: “a mensagem da Anunciação, o testemunha (Lc 1,28-38), assim como o *Magnificat* (Lc 1,54-55). Deste este momento, a mãe de Deus pode pensar na profecia pela qual o capítulo 53 de Isaías prevê o doloroso ‘sacrifício’ do Messias (53,1-5; 7,10) e seu alcance redentor (53,5.6.10.12)”. LAURENTIN, René. *Breve Tratado de Teologia Mariana*. Trad. Rose Marie Muraro. Petrópolis: Vozes, 1965, p. 149. Com isso se quer dizer: a encarnação de Jesus, por meio de Maria, já é uma ação redentora. “Ao longo da sua vida, Jesus irá atualizar este dom de redenção: pelo *Fiat* virginal, Maria se abria para o Calvário subjetivamente e aquiescia já implicitamente no sacrifício da cruz. Sua aceitação implícita do ‘Salvador do mundo’, para ela e para nós, marca também a livre conformidade, embora silenciosa com o Messias sofredor”. SCHILLEBEECKX, E. *Maria, Mãe da Redenção*. Trad. Clarêncio Neotti. Petrópolis: Vozes, 1968, p. 63.

³⁴ CROATTO, J. S. *História da Salvação*, p. 289.



³⁵ MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*, p. 339.

³⁶ TAVARES, Sinivaldo S. *Trindade e Criação*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 20.

³⁷ Ibid., p. 22.

³⁸ MOINGT, op. cit., p. 468.

³⁹ TAVARES, Sinivaldo S. *Trindade e Criação*, p. 23.

⁴⁰ Neste relato de Lucas (sobre o Pentecostes), há um claro paralelo entre o Evangelho e Atos. As perícopes narram a concessão do Espírito e a confirmação da pregação profética. É possível supor que a narrativa antes de Lucas falasse da experiência de fé dos primeiros discípulos e discípulas que, por sua vez, fora associada ao Espírito Santo. Por sua vez, Lucas reveste este fenômeno da glossolalia com um milagre lingüístico e auditivo. “Por fim, há indícios de que o texto pode ser interpretado como etiologia da festa cristã de Pentecostes, tendo como fundo a festa judaica das semanas e a hagadá do Sinai. Originalmente uma festa da colheita sem caráter religioso, a festa de Pentecostes adquiriu um conteúdo histórico-salvífico no Livro dos Jubileus como festa da renovação da aliança (com Noé); a relação com as leis dos Sinai, entretanto, só é estabelecida em textos rabínicos de meados do século II d. C. Em termos de conteúdo, tal nexos estaria dado na medida em que, segundo a hagadá do Sinai, o próprio Javé teria dirigido a palavra a todos os povos, e no Pentecostes cristão as discípulas e os discípulos, repletos do Espírito Santo, louvam as grandezas de Deus e todas as pessoas reunidas os entendem. Então, portanto também nesta concepção teológica a lei e o Espírito estariam correlacionados tanto em termos de suspensão quanto de cumprimento”. SCHNIDER, Theodor (Org.). *Manual de Dogmática* (V I), p. 433.

⁴¹ Cf. SCHNIDER, Theodor (Org.). *Manual de Dogmática* (V I), p. 432-434.

⁴² SCHNIDER, Theodor (Org.). *Manual de Dogmática* (V I), p. 435.

⁴³ Cf. CONGAR, Yves. *Espírito do Homem Espírito de Deus*. São Paulo: Loyola, 1986, p. 8.

⁴⁴ Para Irineu (180), o Espírito rejuvenesce o conteúdo e o Continente do Cristianismo; para Patrício (+460), na sua *confissão*, o Espírito residia no seu ser, como uma fortaleza.

⁴⁵ FEINER, Johannes; LOEHRER, Magnus. *Fundamentos de dogmática histórico-salvífica: o evento Cristo* (II/1), p. 108.

⁴⁶ CROATTO, J. S. *História da Salvação*, p. 310. “[...] no dia de Pentecostes foi enviado o Espírito Santo para santificar continuamente a Igreja e assim dar aos crentes acesso ao Pai, por Cristo, num só Espírito”. PAULO VI. *Lumen Gentium*. Constituição Dogmática sobre a Igreja (21.11.1964). In *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997, n. 4.

⁴⁷ “A Igreja cresce pela virtude fecunda do Espírito de Cristo. O livro dos Atos dos Apóstolos sublinha de várias maneiras sua presença dinâmica (cf. 6.3.5; 7,55; 8,14ss; 8,28.39; 10,19, 13,2). O Acontecimento de Pentecostes repete-se na nova comunidade jerosolimitana (4,31, em Cesaréia 10,44ss e comp. 11,55ss e 15,8) e em Êfeso (19,1-7). O movimento para a escatologia é também impulsionado pelo Espírito de Pentecostes (Rm 8,23; Ef 1,14; 4,30).” CROATTO, J. S. *História da Salvação*, p. 312.

⁴⁸ CONGAR, Yves. *Espírito do Homem Espírito de Deus*, p. 26.

⁴⁹ CONGAR, Yves. *Espírito do Homem Espírito de Deus*, p. 27.

⁵⁰ Cf. Ibid., p. 32.

Artigo submetido em 03/02/2012

Artigo aprovado em 10/03/2012